

UM ESBOÇO DE ANÁLISE SOCIOLÓGICA DE "A FILHA DO CAPITÃO" DE A. S. PUCHKIN

Aurora F. Bernardini

INTRODUÇÃO

Puchkin viveu de 1799 a 1837 e escreveu *A Filha do Capitão* entre os anos de 1833 e 1836, ao mesmo tempo em que se dedicava a elaboração de sua outra obra *História da Revolta de Pugatchóv de 1773*.

A figura do rebelde aparece em ambas, contudo, no romance, apesar de amplamente transposta, não é o sujeito real da obra, como tampouco o é Piotr Andrieitch Griniev, o narrador da estória.

Cada personagem nos parece ser o sujeito, em potencial ou não, de seu mundo particular e a coletividade, complexa e interligada, funciona como o verdadeiro agente do romance.

PRINCIPAIS GRUPOS SOCIAIS DESCRITOS PELO AUTOR

O livro se abre com a apresentação do plácido universo no qual vive a família de Andriei Petrovitch Griniev, major aposentado, casado com Advótia Vassilievna Y., filha de um nobre arruinado, e seu único filho, Piotr Andrieitch Griniev. A fazenda do pai de Piotr, que fica na aldeia de Simbirsck, ao sudoeste de Moscou, do lado esquerdo do Volga, é o protótipo das fazendas dos senhores de terra, que ainda constituíam na época, apesar do comércio e da indústria já se terem instalado em algumas regiões, a estrutura fundamental da economia do país.

Correspondentemente, a descrição do grupo social que vive na fazenda é fundamental, nas obras de Puchkin. Comparando várias delas e tomando esta como exemplo, é possível salientar três categorias

principais com as respectivas características, que passamos a enumerar:

1) *Categoria dos nobres*

- Características:
- a) código de honra
 - b) sentimentos estáveis
 - c) hábitos tradicionais
 - d) atitudes formalmente morais

2) *Categoria dos servos*

- Características:
- a) ausência do código de honra
 - b) sentimentos instáveis
 - c) hábitos imediatos
 - d) atitudes amorais

3) *Categoria dos tutores*

- Características:
- a) proveniência francesa
 - b) hábitos repreensíveis
 - c) atitudes burlescas
 - d) duração efêmera

Tanto o estado de "servo" quanto o estado de "nobre" é, em princípio, um verdadeiro estampo, do qual sai a personagem para viver sua vida. Savielitch, os pais de Piotr e Mr. Beaupré são os expoentes, de cada grupo, aos quais correspondem as características citadas.

Logo em seguida, já externa ao mundo da fazenda, é a categoria dos soldados que vamos conhecer. Tal conhecimento é obtido em duas etapas sucessivas: Ivan Zurin, na cidadezinha de Simbirsk, nos esboça seus aspectos mais frívolos e Ivan Kusmitch Mironov, na fortaleza de Bielogorsk, resume seus traços essenciais. Temos assim:

4) *Categoria dos soldados*

- Características:
- a) beber bastante
 - b) contar piadas
 - c) jogar
 - D) CORAGEM
 - E) LEALDADE
 - F) SENTIDO DO DEVER

Essas categorias, apesar de fortemente caracterizadas, não são estanques. Ao lado de personagens protótipos (Andriei Petrovitch e esposa, Ivan Kusmitch e esposa, Ivan Zurin, Maria Ivanovna) há personagens condutores (Savielitch) e personagens transbordantes (Shvabrin, Pugatchiov). O entrelaçar-se de suas ações confere dinamismo à narrativa, dinamismo esse acentuado pela parcimônia com que é usado o elemento descritivo. Tanto para transmitir um conteúdo, quanto para criar uma atmosfera, bastam implicações. Puchkin é um grande poeta, nessa sua obra em prosa. Vale-se de recursos, se assim podem ser chamados, de uma engenhosidade tão inata, que, na sua naturalidade, se integram perfeitamente na estrutura da narrativa. Só um estudo e um levantamento sistemático permite-nos desvendá-los. Abordaremos alguns dos casos mais expressivos. Antes disso porém, parece-nos interessante apenas revelar alguns procedimentos de caracterização dos personagens, sem pretender entrar em seu estudo detalhado que chamamos de "Aspectos das personagens".

Verifica-se em primeiro lugar, que há uma aderência quase que física das características às personagens.

Começemos, por exemplo, por Savielitch:

O núcleo de seu ser é:	e a lei que governa suas ações:
<i>eu sou um servo</i>	<i>eu tenho que zelar por meu amo</i>

Do roubo ao sacrifício de sua própria vida, toda a gama de ações permitidas por essa lei é possível. Qualquer exemplo que se tome é válido.

Já a personalidade de Piotr Andrieitch pode se realizar entre dois pólos, com uma série de ações desvios que quase chegam a destruir seu equilíbrio:

1.º pólo	2.º pólo
<i>eu sou um nobre</i>	<i>eu jurei fidelidade à Imperatriz</i>

desvios:

- 1) continuou pensando em casar com M. I. apesar do não consentimento do pai;
- 2) aceitou e fez uso da benevolência de P.
- 3) desertou do forte de Orenburg

A personalidade de Maria Ivanovna pode ser considerada, num âmbito mais restrito, como uma réplica do esquema da realização da

personalidade de Piotr as vicissitudes pelas quais ela passa, também tendem a desviá-la de sua meta.

1.º pólo
eu sou uma boa moça

2.º pólo
eu amo Piotr

desvios:

1) não é aceita como esposa de Piotr

2) perde os pais

3) é presa por Shvabrin

a partir desse momento sua atuação é dependente da atuação de Piotr

A realização da personalidade de Shvabrin, apesar de promissora, é comprometida desde o início. Ele já nos é apresentado como aquele que matou um homem. A decolagem é vertical e irreversível. Cada ação é uma etapa negativa que só pode levar à morte ou ao degredo.

O mesmo, de uma forma mais complexa, se dá com Pugatchóv. Ele é um rebelde e a conjuntura não comporta uma revolta vitoriosa nem a "redenção" que tantas vezes lhe desejou Piotr.

Extremamente significativo, talvez o ponto crucial da obra, é o trecho que vamos expor:

"É mesmo", disse a Pugatchóv. "Não seria melhor afastar-se deles por tua própria vontade, enquanto é tempo e recorrer à generosidade da Imperatriz?"

Pugatchóv sorriu amargamente.

"Não, é tarde para me arrepender, respondeu. Não haverá perdão para mim. Vou continuar como comecei. Quem sabe? Talvez eu tenha sorte! Grichka Otripiev reinou em Moscou."

"E sabes como terminou? Atiraram-no pela janela, degolaram-no, queimaram seu corpo, carregaram um canhão com suas cinzas e atiraram."

"Escuta, disse Pugatchóv, com uma espécie de inspiração selvagem. "Vou contar-te uma fábula, que uma velha calmica me contou na infância. Certa vez uma águia perguntou ao corvo: — Diz-me, pássaro-corvo, como é que vives trezentos anos neste mundo e eu apenas trinta e três anos? — Isto paizinho, porque bebes sangue vivo, enquanto que eu me alimento de carniça —, respondeu o corvo. A águia pensou: "Vamos experimentar alimentar-nos do mesmo". Muito bem. A águia e o corvo alçaram vôo. Eis que viram um cavalo morto. Desceram e

pousaram sobre ele. O corvo começou a bicar e elogiar. A águia bicou, uma vez, uma segunda vez, abanou as asas e disse ao corvo: — Não, amigo corvo, em vez de me alimentar trezentos anos de carniça, é melhor saciar-me uma só vez de sangue vivo e depois seja o que Deus quiser! — “O que achas da fábula calmica?” “é interessante”, respondi-lhe. “Mas viver de assalto e assassinato, para mim significa bicar a carniça”. Pugatchóv olhou-me espantado e nada respondeu. Ficamos calados, absortos em reflexões...

Aqui está a resposta, antecipando-nos um pouco, que não daremos na nota (3). Acossado pela censura, Puchkin não pode pregar suas idéias abertamente. Semei-as em parábolas e alusões. Chega mesmo a submetê-las à reprovação de Piotr, bom rapaz, personagem principal da história, com o qual simpatizamos. Os representantes da ordem estão satisfeitos e o grupo social para o qual Puchkin escreve, encontra impunemente sua mensagem.

O ELEMENTO POÉTICO E RECURSOS DE ESTILO EM A FILHA DO CAPITÃO

Leia-se à pag. 2 do cap. 1 da obra citada em Português

“Certa vez, no outono, minha mãe cozinhava no salão, geléia de mel e eu, lambendo-me todo, contemplava a espuma borbulhante. Meu pai, à janela, lia o *Calendário da Corte*, que recebia todos os anos. Esse livro sempre lhe provocava uma forte impressão: nunca o relia sem um interesse especial, e essa leitura sempre perturbava estranhamente a bília”.

Agora, à pág. 7 do cap. 14

“Uma noite, meu pai estava sentado no divã, folheando as páginas do *Calendário da Corte*, mas os seus pensamentos estavam longe e a leitura não produzia nele o efeito habitual. Assobiava uma marcha antiga. Minha mãe, em silêncio, tricotava um agasalho de lã e às vezes uma lágrima caía sobre seu trabalho. De repente, Maria Ivanovna, que também estava sentada com o seu trabalho, anunciou que, por motivo de força maior deveria ir a Petersburgo e pedir recursos para a viagem. Minha mãe ficou muito triste”.

Ainda à pag. 3 do cap. 1

"A idéia que em breve separar-se-ia de mim causou tal impressão a minha mãe que ela deixou cair a colher dentro da panela, e as lágrimas correram-lhe pelo rosto."

Finalmente à pag. 1 do cap. 10

"Que pena! Era um oficial maravilhoso. E a senhora Mironova era uma excelente mulher, e colhia cogumelos tão bem..."

O *Calendário da Corte*, as conservas, as lágrimas possuem uma carga evocativa muito alta. No caso da senhora Mironova, o fato do general associá-la, em presença a Piotr, à conserva de cogumelos, leva-nos imediatamente à lembrança a figura da primeira mãe: Advotia Vassilievna.

A epígrafe pela qual começa o livro: "*bieregui platie snóvu, a tchiest smólotu*", que foi traduzida, na versão em língua inglesa por "keep your coat clean while it is still new, and guard your honour in the days of your youth", e que em Português, numa tradução literal poderia ser "cuida da roupa enquanto é nova e a honra enquanto és jovem", volta, no primeiro capítulo, como coroamento dos conselhos-leis que o pai dá ao filho, por ocasião de sua partida.

Ao mesmo tempo, como veremos, ela pode, aparentemente, funcionar como metro, pelo qual é medida a possibilidade ou não de realização das personagens.

Após a enunciação deste provérbio, os pais dão ao filho uma roupa nova que ele doará a Pugatchiov e que lhe salvará a vida. É interessante reparar quantos níveis são atribuídos a essa roupa.

O capítulo chamado pelo próprio Puchkin de "Capítulo omissso" é o único em que ele faz vasto uso do que os Ingleses denominam 'poetic imagery'. Seu emprego é consciente, talvez para equilibrar a extrema dramaticidade de certas cenas. Veja-se por exemplo, à pag. 1

"O céu estava claro. A lua brilhava. O tempo estava calmo. O Volga corria, regular e tranqüilo. O barco balançando-se suavemente, deslizava rapidamente sobre as ondas escuras. Absorvi-me em devaneios da imaginação. Passou-se cerca de meia hora. Já havíamos alcançado a metade do rio... quando de repente os remadores começaram a cochichar entre si.

"O que há?" perguntei, voltando a mim.

"Não sabemos, só Deus sabe", responderam os remadores, olhando para a margem.

Os meus olhos fixaram-se na mesma direção e eu vi, na escuridão, algo que vinha flutuando Volga abaixo. O objeto desconhecido se aproximava. Ordenei aos remadores que parassem e ficassem aguardando. A lua se escondeu atrás de uma nuvem. O farilhaque flutuante fez-se ainda mais vago, já se encontrava próximo de mim e eu não conseguia distingui-lo. "O que seria?" diziam os remadores. Vela não é, nem mastro...

Subitamente a lua surgiu de trás da nuvem e revelou uma tétrica visão".

Um estudo à parte mereceriam as epígrafes, os ditos e os provérbios que encabeçam os capítulos, bem como os poemas e as canções que se encontram no romance. Queremos aqui nos deter nas raras intervenções diretas que o autor faz na obra. São três ao todo:

A primeira, na última página do capítulo 10

"De repente uma idéia me passou pela cabeça — o leitor ficará sabendo da leitura do capítulo seguinte — como diziam os velhos autores — que idéia foi essa."

É um recurso meramente formal, situado pelo próprio autor.

A segunda, à página 10 do capítulo omissos:

"Não vou descrever o que sentia. Aqueles que já estiveram em situação igual entenderão mesmo sem isso. Posso apenas ter pena e aconselhar a quem não esteve enquanto é tempo de se apaixonar e receber a bênção dos pais".

Encerra um intuito moralizante, e a exortação, talvez irônica, é coerente com a personalidade de Piotr.

ATITUDE DO AUTOR

A terceira intervenção se reveste, para a nossa análise, de uma importância bem maior. É uma das poucas chaves que o autor nos fornece para que se discuta sua atitude em relação à época que descreve.

Veja-se, portanto, à pag. 11 do capítulo omissis:

“Não vou descrever nossa marcha, nem o término da guerra de Pugatchóv. Passávamos por aldeias destroçadas (pilhadas por Pugatchóv e, involuntariamente, retirávamos dos pobres habitantes aquilo que lhes restava dos bandidos: QUE DEUS NÃO PERMITA VER UMA REVOLTA RUSSA; INCLEMENTE E INSENSATA. AQUELES QUE ENTRE NÓS TRAMAM REVOLUÇÕES IMPOSSÍVEIS OU SÃO JOVENS E NÃO CONHECEM NOSSO POVO, OU TÊM UM CORAÇÃO EMPEDERNIDO PARA QUEM A CABEÇA DE SEU SEMELHANTE VALE UM VINTÉM E SEU PESCOÇO NÃO VALE NADA”.

Até que ponto as opiniões de Piotr sejam endossadas por Puchkin (3), é difícil estabelecer. A única informação de que dispomos é encontrada em suas “Notas Gerais” referentes à citada “História da Revolta de Pugatchóv de 1773”.

“Todo o povo comum estava do lado de Pugatchóv. . . Após um estudo cuidadoso das medidas tomadas por Pugatchóv e seus aliados, não se pode senão admitir que os meios empregados pelos rebeldes fossem os mais bem escolhidos para a realização de seu propósito.”

Baseando-nos nesses dados, as duas posições não se incompatibilizam, fato que, ao contrário, ocorre, quando se compara a impressão de Catarina II que nos é dada, respectivamente, por Grinev e por Puchkin (capítulo 14, pág. 9).

“Seu rosto, cheio e corado, refletia calma e dignidade e os olhos de um azul claro e o leve sorriso possuíam um encanto inconcebível. A senhora foi a primeira a romper o silêncio”.

“Capitão Mironov! O que foi comandante de uma das fortalezas de Oremburgo?”

“Exatamente”

A senhora pareceu ficar comovida.

“Perdoe-me” disse, a voz ainda mais carinhosa, “se estou interferindo em seus negócios, mas eu costumo freqüentar

a Corte. Explique-me em que consiste o seu pedido e talvez eu consiga ajudá-la”.

“A princípio lia com expressão atenta de simpatia. De repente, porém, seu rosto se transfigurou e Maria Ivanovna que acompanhava com os olhos todos os seus movimentos, assustou-se com a severa expressão deste rosto, um instante antes tão agradável e calmo.

“A senhorita está intercedendo em favor de Griniev?” a senhora perguntou com frieza. “A imperatriz não pode perdoar-lhe. Ele se uniu ao impostor, não por ignorância ou boa-fé, mas como um miserável perigoso e sem escrúpulos”.

E agora, novamente Puchkin em suas notas:

“Se capacidade de governar é sinônimo de conhecimento da fraqueza humana e habilidade em saber aproveitar-se disso, então Catarina II merece a admiração da posteridade . . .

Mas o tempo há de chegar em que a história avaliará a influência de seu reinado sobre a moral, revelando, encoberta por uma máscara de gentileza e tolerância, a realidade cruel de seu despotismo, os seres oprimidos por seus mercenários, os cofres públicos saqueados por seus favoritos e desvendando erros essenciais em economia política, uma legislação inepta, uma bufonaria revoltante em suas relações com os filósofos de seu tempo — e então, nem mesmo a voz do desiludido Voltaire conseguirá salvar sua gloriosa memória da execração na Rússia”.

A oposição aparente é explicada pelas restrições impostas pela censura na época em que Puchkin escrevia seu romance.

Isso não impede que a obra em si tenha salvaguardada sua unidade e coerência interna, corroborada pelo relacionamento entre o todo e suas partes, como já acenamos.

RELAÇÕES ENTRE O GRUPO E A OBRA

A dificuldade maior surge quando nos dispomos a procurar relacionar a obra com o grupo social que ela atinge, no sentido que aponta Lucien Goldman, ou seja, procurar as homologias entre as estruturas do universo da obra e as estruturas mentais do grupo social da época (ou grupos), cuja consciência tenda para uma visão global do homem.

Puchkin conseguiu criar um universo imaginário coerente e, de uma certa forma, antecipar-se à sua época. De fato, captando tendências ainda em embrião na Europa e transpondo-as para a Rússia, criou uma obra cuja estrutura se antecipou àquela para a qual tendia um certo grupo. A história literária prova isso, para o conjunto de sua obra; nós vamos tentar prová-lo para uma estrutura significativa desta obra em particular.

A moral aparente da obra parece um eco da epígrafe inicial:

“Se agires conforme o código de teu estado atingirás tuas realizações, caso contrário, serás castigado” com a atenuante:

“Poderás errar, mas sem te comprometer”.

A narrativa parece desenvolver-se dentro deste esquema mais ou menos determinado até quase o final do livro.

Acompanhemos a personagem principal em alguns pontos necessários:

Após o recebimento, por parte de Zurin, da ordem de prisão para Piotr este é levado a julgamento. Defende-se provando que nunca havia compactuado com Pugatchóv, apesar de ter-se valido de sua complacência.

Os juízes aceitam as explicações do jovem oficial, de fato nós sabemos que ele nunca aceitou propostas de Pugatchóv; resta, entretanto, a explicar, sua deserção e nós sabemos que ele desertou de fato.

Piotr abandonou o forte de Bielogorsk por motivos estritamente pessoais, nós sabemos que foi para tirar sua amada do poder de Shvabrin.

Ele não dá explicações aos juízes a esse respeito e é condenado à morte. Sua pena é comutada pela imperatriz, em consideração aos feitos de seu pai. O livro poderia terminar aqui.

Antes, porém, de discutir o último capítulo, achamos importante “reforçar” uma alternativa que Puchkin deixa aberta propositadamente. Se Piotr tivesse explicado aos juízes os motivos pelos quais desertou, estes teriam-no absolvido? Teria um motivo pessoal, naquela circunstância, pesado mais que o dever de um soldado, na balança dos militares?

A tradição e a conjuntura da época seriam taxativos: não.

Puchkin porém faz questão de nos levar a acreditar num veredicto favorável, salientando a atitude benevolente dos juízes no momento culminante do julgamento. É a esse vislumbre de salvação que nos apegamos.

De nada adianta.

Como ‘tinha que ser’ a pena é aplicada.

O último capítulo nos defronta, novamente, com o mundo da fazenda.

O pai está folheando, sem prazer algum, o *Calendário da Corte* e a mãe está costurando, em lágrimas. Ambos estão conformados. O espírito da epígrafe os alcançou e se fechou sobre eles. Tudo está de acordo.

Eis o inesperado:

Maria Ivanovna, a que sempre se submeteu, a que sempre "esperou com santa paciência o que a sorte lhe reservava" (pág. 126) resolve simplesmente mudar tudo. Num requinte de malícia nem sequer suspeitada dirige-se à imperatriz dizendo-lhe:

"Vim pedir um favor, não justiça..."

E com a mesma naturalidade com que havia chegado a Petersburgo, volta à fazenda, vitoriosa.

Puchkin não nos diz o que fez com que Catarina II concedesse o "favor".

Deixa-nos na mesma ambigüidade em que nos deixou por ocasião do julgamento.

Resta o fato de que maior importância foi atribuída ao sentimento humano do que à rigidez da lei tanto por Piotr, quando desertou, quanto pela autoridade máxima do país, quando deixou de punir.

Não representaria essa vitória do sentimento uma forma velada e eufêmica de sintetizar... aspirações do grupo social que Puchkin atingia?

É a tese que aventuramos.

OBRAS CONSULTADAS

1. A.S. Puchkin. *Kapitanskaia Dotchka em Polnoie Sobranie Sotchi-nientii*. tomo 6.º, Editora Akademiï Nauk SSSR; Moscou, 1957.
2. A. Pushkin *The captain's daughter*. Progress Publishers, Moscou, 1965.
3. *A short history of the USSR*. 1.ª Parte. Academia de Ciências da URSS. Editora Progresso, Moscou, 1965.
4. *Sociologia do Romance* por Lucien Goldman. Editora Paz e Terra Ltda., Rio de Janeiro, 1967.
5. *Teoria da Literatura* por R. Wellek e A. Warren. Publicações Europa América, Lisboa, 1962.
6. Tradução para o Português de *A filha do Capitão* por Helena S. Nazário (obra ainda inédita, patrocinada pela FAPESP).